



INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

JOSINALVA DIAS DE ALMEIDA

**A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NOS CONTOS *PASSEIO NOTURNO*  
(*PARTES I E II*) E *O COBRADOR* DE RUBEM FONSECA**

Sousa-PB  
2022

**JOSINALVA DIAS DE ALMEIDA**

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NOS CONTOS *PASSEIO NOTURNO*  
(*PARTES I E II*) E *O COBRADOR* DE RUBEM FONSECA

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Otoniel Machado da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Biblioteca do IFPB, *Campus* João Pessoa

A447r

Almeida, Josinalva Dias de.

A representação da violência nos contos *Passeio noturno* (partes I e II) e *O cobrador* de Rubem Fonseca / Josinalva Dias de Almeida. – 2022.

24 f.

Artigo (Graduação – Licenciatura em Letras à Distância) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB / Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras à Distância.

Orientador : Prof. Dr. Otoniel Machado da Silva.

1. Literatura contemporânea. 2. Rubem Fonseca. 3. Violência urbana. 4. Linguagem violenta. I. Título.

CDU 82.09:316.48

## FOLHA DE APROVAÇÃO

JOSINALVA DIAS DE ALMEIDA

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NOS CONTOS *PASSEIO NOTURNO*  
(PARTES I E II) E O COBRADOR DE RUBEM FONSECA

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

Aprovado em: 12 de julho de 2022

Banca Examinadora



---

Orientador: Prof. Dr. Otoniel Machado da Silva – IFPB



---

Examinadora: Profa. Dra. Marta Célia Feitosa Bezerra – IFPB



---

Examinadora: Profa. Dra. Maria Analice Pereira da Silva – IFPB

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, que me fez forte em constantes momentos. Ao longo desses 4 anos foram grandes os desafios que surgiram, mas minha fé que tudo ia dar certo sempre foi maior que qualquer barreira que tive que superar.

Ao meu querido esposo José Augusto de Araújo Neto, que tanto me apoiou em todos os momentos de dificuldades.

À minha sogra Francisca Vidal de Sousa, que em muitos momentos foi um grande apoio, principalmente cuidando do meu filho Pedro Augusto, quando eu estava estudando.

Aos meus filhos Pedro Augusto e Lucas Augusto, que são minhas grandes inspirações para continuar lutando em busca de realizar meus sonhos.

À minha prima Antônia Pinheiro Barbosa, que sempre me apoiou nos estudos desde muito cedo, que acredita na força de meu sonho e me ajudou com palavras carinhosas e sinceras, para que eu perseverasse e realizasse o meu sonho.

À minha amiga Ana Paula Abrantes, que foi ao longo desses 4 anos um grande apoio, principalmente com palavras de incentivo e carinho nos momentos mais difíceis.

Ao meu professor orientador Otoniel Machado da Silva, por toda ajuda, paciência e incentivo para a realização desse trabalho.

A todos os meus professores, desde a alfabetização até o nível superior, que me enriqueceram de conhecimentos.

À equipe da coordenação do Curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, que por diversas vezes me apoiou democraticamente com soluções às dúvidas e problemas.

Finalmente, a todos que de alguma forma deixaram sua contribuição durante esses anos.

## RESUMO

Este trabalho visa apresentar como a violência é representada em contos de Rubem Fonseca. Reconhecendo que a realidade é transformada na escrita literária e ganha espaço por meio da liberdade ficcional, os fatos cotidianos tornam-se temáticas cada vez mais relevantes na literatura contemporânea, ao tratar de problemáticas sociais, como a violência exacerbada e os crimes hediondos. A fundamentação teórica levou em consideração autores, como: Ginzburg (2010 e 2013), Bosi (1974), Lira (2010), Proença (1989), Pelegrini (2005), Costa (1999), Lima (2010), Hidalgo e Serafim (2016), Gindri (2020), Michetti (2013) e Oliveira (2014). O trabalho está estruturado em três partes. Na primeira parte, mostramos como a violência é uma marca literária contemporânea e Rubem Fonseca, um de seus principais expoentes. A segunda parte apresenta a violência nas narrativas de Rubem Fonseca e a violência na cidade contemporânea e na tecitura narrativa dos contos *Passeio noturno* (Partes I e II) e *O cobrador*. Por fim, o foco se volta à linguagem violenta como marca estilística.

**PALAVRAS-CHAVES:** Literatura contemporânea. Rubem Fonseca. Violência urbana. Linguagem violenta.

## ABSTRACT

This work aims to present how violence is represented in stories by Rubem Fonseca. Recognizing that reality is transformed in literary writing and gains space through fictional freedom, everyday facts become increasingly relevant themes in contemporary literature, when dealing with social problems, such as exacerbated violence and heinous crimes. The theoretical foundation took into account authors such as: Ginzburg (2010 and 2013), Bosi (1974), Lira (2010), Proença (1989), Pelegrini (2005), Costa (1999), Lima (2010), Hidalgo and Serafim (2016), Gindri (2020), Michetti (2013) and Oliveira (2014). The work is structured in three parts. In the first part, we show how violence is a contemporary literary mark and Rubem Fonseca, one of its main exponents. The second part presents the violence in the narratives of Rubem Fonseca and the violence in the contemporary city and in the narrative weaving of the short stories *Passeio noite* (Parts I and II) and *O collector*. Finally, the focus turns to violent language as a stylistic mark.

**KEYWORDS:** Contemporary literature. Rubem Fonseca. Urban violence. Violent language.

## Introdução

Este trabalho visa apresentar como a violência é representada nos contos *Passeio Noturno* (Parte I e II) e *O Cobrador* de Rubem Fonseca. Reconhecendo que a realidade é transformada na escrita literária e ganha espaço por meio da liberdade ficcional, os fatos cotidianos tornam-se temáticas cada vez mais relevantes na literatura contemporânea, ao tratar de problemáticas sociais, como a violência exacerbada e os crimes hediondos.

Nesse sentido, o escritor brasileiro Rubem Fonseca destaca-se como uma figura de influência na representação da violência na literatura do Brasil. Seus personagens caracterizam-se pela ligação com a criminalidade e a marginalização, resultando em textos com uma linguagem perversa e brutal.

Os contos de Rubem Fonseca escolhidos como objeto de estudo foram: “Passeio Noturno” (Parte I e Parte II) e o “O Cobrador”.

O conto *Passeio Noturno (Parte I)* foi publicado inicialmente em 1974<sup>1</sup>. Ele descreve a história de um homem da alta sociedade, que trabalha o dia todo e sai à noite, no seu carro importado, para relaxar. Entretanto, este personagem busca se divertir de modo estranho e perverso: segue procurando pessoas na rua para atropelar e satisfazer um desejo sombrio, o qual o frio protagonista preza apenas pela emoção que seu ato cruel causará.

Já na segunda parte do conto, *Passeio Noturno (Parte II)*, observa-se que o personagem principal é o mesmo, entretanto, dessa vez, ele conhece uma mulher de nome Ângela e sai para jantar com ela. Ao voltar para deixá-la em casa, faz desta mulher sua vítima, em um ato bárbaro e desumano.

*O Cobrador*, por sua vez, escrito em 1979, é o terceiro conto em análise e faz parte de uma coletânea composta por dez escritos de Rubem Fonseca, em que ele amplia a temática da violência. O conto se caracteriza como o principal texto da obra, visto que chega a nomear o livro. Narra a história de um homem pobre que se sente revoltado em razão de sua precária condição social, que impede o acesso a certos bens, numa sociedade marcadamente desigual e injusta. O protagonista comete atos cruéis contra as pessoas como forma de cobrar o que eles supostamente lhe “devem”.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, utilizamos as versões dos contos *Passeio Noturno* (Partes I e II) da 2ª edição, de 1989, publicadas no ano de 2007, na 21ª reimpressão do livro *Feliz Ano Novo*.

Assim, propondo-se refletir sobre as questões que abordam temáticas da violência, esse trabalho procura responder ao seguinte problema de pesquisa: como se configura a representação da violência urbana nos contos *Passeio Noturno (I e II)* e *O Cobrador* do escritor Rubem Fonseca?

Abordar a obra de Rubem Fonseca, tomando como base três contos do autor, se justifica por algumas razões. Primeiramente, trata-se de autor já canonizado na literatura brasileira, tendo, portanto, obtido reconhecimento da crítica literária. Em segundo lugar, a temática da violência retratada nos textos dialoga com a realidade em que vivemos, não se tratando de um assunto alheio à sociedade em geral e à individualidade das pessoas. Diante disso, a literatura provoca a reflexão, indo além de sua dimensão estética.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a representação da violência urbana nos contos *Passeio Noturno (Parte I e II)* e *O Cobrador* de Rubem Fonseca. E tem como objetivos específicos: identificar que tipo de violência é representada nos contos, compreender como essa violência se configura na tecitura das referidas narrativas e identificar a linguagem violenta como marca estilística do autor.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, trata-se de um estudo qualitativo a partir de uma pesquisa bibliográfica. A fundamentação teórica levou em consideração autores, como: Ginzburg (2010 e 2013), Bosi (1974), Lira (2010), Proença (1989), Pelegrini (2005), Costa (1999), Lima (2010), Hidalgo e Serafim (2016), Gindri (2020), Michetti (2013) e Oliveira (2014).

O trabalho está estruturado em três partes. Na primeira parte, mostramos como a violência é uma marca literária contemporânea e Rubem Fonseca, um de seus principais expoentes. A segunda parte está dividida em dois subtópicos, em que um apresenta a violência nas narrativas de Rubem Fonseca e o outro, a violência na cidade contemporânea e na tecitura narrativa dos contos *Passeio noturno (Partes I e II)* e *O cobrador*.

Na terceira e última parte, dedicamos atenção à linguagem violenta como marca estilística observada nas obras analisadas. E, por fim, apresentamos algumas semelhanças e diferenças entre os contos, no que diz respeito à constituição da violência como matéria narrativa.



## **1. Rubem Fonseca e a violência como marca literária contemporânea**

### **1.1 Rubem Fonseca: notas sobre sua vida e obra**

Contista, romancista, ensaísta, roteirista e “cineasta frustrado”, Rubem Fonseca precisou publicar apenas dois ou três livros para ser consagrado como um dos mais originais prosadores brasileiros contemporâneos. Carioca desde os oito anos, Rubem Fonseca nasceu em Juiz de Fora, em 11 de maio de 1925 (FONSECA, 2010, p. 157).

Em 1963, a primeira coletânea de contos, *Os Prisioneiros*, foi imediatamente reconhecida pela crítica como a obra mais criativa da literatura brasileira em muitos anos; seguida, dois anos depois, de outra – *A coleira do cão* –, a prova definitiva de que a ficção urbana encontrara seu mais audacioso e incisivo cronista. Com a terceira coletânea, *Lúcia McCartney*, o autor tornou-se um best-seller e ganhou o maior prêmio para narrativas curtas do país. (FONSECA, 2010, p. 157).

Em 2003, ganhou o Prêmio Juan Rulfo e o Prêmio Camões, o mais importante da língua portuguesa. Com várias de suas histórias adaptadas ao cinema, ao teatro e à televisão, Rubem Fonseca já publicou 12 coletâneas de contos e 11 romances. (FONSECA, 2010, p. 157).

Seu último livro publicado em vida foi a antologia de contos *Carne crua* (2018).

### **1.2 A violência como marca literária contemporânea**

A literatura brasileira contemporânea (ou pós-moderna) reúne um conjunto de características de diversas escolas literárias, engloba as produções do final do século XX e da primeira metade do século XXI e é marcada por uma diversidade temática e estilística, inovando a poesia e a prosa. Trata-se de um período marcado por diversas mudanças em vários âmbitos: sociais, econômicos e políticos. Pinto (2004, p. 82) destaca:

A ficção brasileira contemporânea está concentrada em solo urbano. E, assim como acontece com as grandes metrópoles, é difícil encontrar um eixo que a defina. Não existe homogeneidade de estilos, no máximo uma afinidade temática – que às vezes pode ser surpreendente. Assim, se os autores da chamada Geração 90 frequentam os mesmos lugares inóspitos que os escritores da periferia – ruas deterioradas, botecos esqualidos, casas

traumatizadas pelo desemprego, pela violência e pela loucura -, há uma percepção geral do isolamento e da vulnerabilidade do sujeito moderno (e urbano).

De alguma forma, as características da literatura contemporânea estão relacionadas ao movimento modernista, no sentido de dar continuidade à ruptura dos valores tradicionais. A identidade a partir desse momento não é mais uma busca, pois se aproxima de uma crise existencial, típica do homem pós-moderno. Rias (2008, p. 3) destaca que:

Outra característica dessa literatura pós-moderna é a linguagem, como vimos nesse conto [O Cobrador], que é completamente escrachada, vulgar, direta, o narrador em primeira pessoa personifica um verdadeiro bandido e abstrai seu modo de agir, de pensar e de falar, causando um certo impacto, mas que retrata autenticidade e veracidade dos fatos ocorridos na narrativa. (RIAS, 2008, p. 3 apud MICHETTI, 2013, p. 24)

Uma das marcas mais importantes dessa literatura *atual* é o protagonismo assumido pela temática da violência no cenário das grandes cidades. Ao lado da industrialização e do progresso, emergem problemas sociais graves. A arte vai reverberar as inquietações humanas pessoais e coletivas de um contexto sócio-histórico:

Não há como negar que a violência assume o papel de protagonista destacada da ficção brasileira urbana a partir dos anos 60 do século XX, principalmente durante a ditadura militar, com a introdução do país no circuito do capitalismo avançado. A industrialização crescente desses anos vai – em última instância – dar força à ficção centrada na vida dos grandes centros, que incham e se deterioram, daí a ênfase em todos os problemas sociais e existenciais decorrentes, entre eles a violência ascendente. (PELEGRINI, 2005, p. 137).

A preferência por temas que retratam a violência é explícita nos contos de Rubem Fonseca, que adota um estilo áspero e brutal para falar de violência, sensualidade e solidão. Suas obras possuem caráter de crítica social, enfatizando o mundo dos marginais e prostitutas, das classes menos favorecidas, mas, em algumas ocasiões, também de criminosos que são da alta sociedade ou da classe burguesa, como é o caso dos contos *Passeio Noturno*, partes I e II.

## **2. A violência urbana em Rubem Fonseca e na tecitura das narrativas**

### **2.1 A violência urbana em Rubem Fonseca**

Rubem Fonseca retratou em suas obras potenciais acontecimentos da vida real, mostrando a violência urbana inserida nos cenários do Rio de Janeiro, seja nos bairros periféricos ou na classe social alta.

Com a possibilidade de contribuir para a formação de leitores críticos, o autor tenta aproximar a literatura da realidade dos grandes centros urbanos. Nesse sentido, a violência urbana teve grande destaque nas obras literárias a partir dos anos 60. Entretanto, não só a temática é marcada pela violência. A linguagem também parece acompanhá-la:

O tipo de representação da violência consolidado por Fonseca, com seu estilo característico, que, entre outras coisas, absorve o antigo coloquialismo do submundo, em uma versão chula e descarnada, revela uma crueza sem compaixão em relação ao homem, até então inédita na ficção brasileira. (PELEGRINI, 2005, p. 137).

O que observamos é que Rubem Fonseca retrata em suas obras uma violência tão impactante e brutal, que causa no leitor grande efeito, podendo despertar nele uma reflexão, na medida em que as cenas narradas descrevem, em certo sentido, um cenário da vida real. Nessa dinâmica, a realidade alimenta a literatura. De acordo com Ginzburg:

Compreendendo a literatura como produção constituída historicamente, e não como objeto fechado em si mesmo, podemos formular a hipótese de que a enorme carga de violência que caracterizou a história brasileira tenha implicações nas obras literárias. Podemos formular, com base em pesquisas recentes sobre o assunto, a hipótese de que a violência tem um impacto traumático sobre a sociedade, de tal modo que esta não consegue ter, com relação a si mesma, a autoconsciência necessária para superação dos efeitos da agressão. (GINZBURG, 2010, p. 78).

Destaca-se que a representação da violência urbana nos referidos contos do autor relaciona-se com sua experiência real com a atividade policial e a criminalidade contemporânea, como destaca Gindri (2020, p.11):

Vários caminhos surgiram oferecendo possibilidades para compreender a linguagem fonsequiana, alguns repetidamente, exemplo a biografia do autor

como fonte para suas personagens e linguagem. O fato de Rubem Fonseca ter trabalhado na polícia, mesmo que pouco tempo nas ruas e tenha se dedicado às relações públicas da instituição, é, para muitos autores, explicação mais que suficiente para as escolhas dialetais presentes em sua obra. Também a temática, ligada ao dia a dia das classes marginalizadas ou de criminosos do “colarinho branco”, teria como fonte de inspiração essa passagem do autor pelas forças de segurança do estado da Guanabara.

Nesse sentido, pode-se afirmar que Fonseca utiliza a temática da violência e faz uma leitura da realidade social e urbana, por conhecer bem esse contexto. O escritor traz reflexões por meio dos seus personagens marginalizados para abordar a importância de se discutir esse fato cotidiano tão recorrente, como podemos observar através do personagem do conto “O Cobrador”, em suas falas, ações e pensamentos depois de ter cometido os crimes: “Leio os jornais. A morte do muambeiro da Cruzada nem foi noticiada. O bacana do Mercedes com roupa de tenista morreu no Miguel Couto e os jornais dizem que foi assaltado pelo bandido Boca Larga. Só rindo”. (FONSECA, 2010, p. 16).

Conforme Ginzburg (2010, p. 5), “a consciência da presença de violência social na história do Brasil pode atuar como fundamento para escritores construírem imagens, personagens, enredos, estruturas narrativas”. Isso se configura nitidamente na literatura de Rubem Fonseca, que retratou a temática da violência com tal ênfase, que essa se tornou uma marca determinante de sua produção.

## **2.2 A violência na cidade contemporânea e na tecitura narrativa dos contos *Passeio noturno (Partes I e II) e O cobrador***

No conto *O Cobrador*, de Rubem Fonseca, a representação da violência se dá diretamente a partir da figura do narrador, não só porque ele, conforme Ginzburg (2013, p. 30), “delimita a perspectiva; por meio dele, ficamos sabendo dos acontecimentos em uma estória. É dele o ângulo pelo qual conhecemos os episódios relatados”, mas também porque se trata de um narrador-personagem, agente das ações verbais e não-verbais.

Nota-se que ele carrega um sentimento de revolta, de uma pessoa que quer se vingar a todo custo do que foi lhe negado até o momento em sua vida.

“O Cobrador” é o conto principal do livro que leva o mesmo nome; narra a história de um homem pobre que se sente revoltado por não ter boas condições financeiras e parece não aceitar a realidade desigual e injusta do mundo. De acordo com Lima, “o narrador-personagem faz parte da classe marginalizada do país, é pobre,

desempregado, morador de uma favela, sem perspectiva de futuro, com uma vida destinada ao crime e à brutalidade”. (LIMA, 2010, p. 3).

O conto começa com a descrição do cenário de um consultório de uma clínica odontológica. O narrador-personagem, ao descrever a cena em que é atendido, depois que é realizado os procedimentos odontológicos, ao ser informado o quanto lhe custou o atendimento, diz que não tem o valor e age como se nada tivesse acontecido. Após o serviço prestado pelo profissional, acontece um embate entre o dentista e o paciente, depois que este se nega a pagar o atendimento. Mesmo diante da diferença física dos dois, “o cobrador” (que, no caso, é o narrador-personagem), por estar armado, consegue dominar a situação, expressando todo seu ódio em palavras e atitudes, como pode ser observado na seguinte passagem do conto:

Ele bloqueou a porta com o corpo. É melhor pagar, disse. Era um homem grande, mãos grandes e pulso forte de tanto arrancar os dentes dos fodidos. E meu físico franzino encoraja as pessoas. Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito. Abri o blusão, tirei o 38, e perguntei com tanta raiva que uma gota de meu cuspe bateu na cara dele — que tal enfiar isso no teu cu? Ele ficou branco, recuou. (FONSECA, 2010, p. 12).

Acreditando que a sociedade lhe deve algo, o narrador-personagem prossegue com muita violência nos atos e na linguagem, como podemos observar ainda na cena com o dentista: “Eu não pago mais nada, cansei de pagar! gritei para ele, agora eu só cobro! Dei um tiro no joelho dele. Devia ter matado aquele filho da puta”. (FONSECA, 2010, p. 12).

Ao narrar a morte de uma vítima, o protagonista a descreve com muita frieza e sem demonstrar nenhum sentimento de culpa, o que pode causar no leitor um verdadeiro espanto: “Puf. Acho que ele morreu logo no primeiro tiro. Dei mais dois tiros só para ouvir puf, puf”. (FONSECA, 2010, p. 14).

Um comercial de TV provoca no “cobrador” um sentimento de revolta, por despertar nele a sensação de inferioridade, vendo as imagens perfeitas que o comercial apresenta, a beleza das pessoas, em contraste com sua condição.

Com ferramentas que julga ser necessárias, sai em busca de vingança contra aqueles que cruzarem o seu caminho. “Meu arsenal está quase completo: tenho a Magnum com silenciador, um Colt Cobra 38, duas navalhas, uma carabina 12, um

Taurus 38 capenga, um punhal e um facão. Com o facão vou cortar a cabeça de alguém num golpe só” (FONSECA, 2010, p. 14).

O personagem principal escolhe suas vítimas simplesmente por acreditar que elas lhe devem algo. A felicidade e a riqueza dos outros lhe incomodam e despertam muita raiva, a ponto de fazê-lo cometer atos cruéis. Como podemos observar na cena seguinte, ao ver um casal bem-vestido e que lhe despertou atenção, já planeja “vingança”, sem nem ao menos conhecer as vítimas:

As vagas em frente ao apartamento foram logo ocupadas e os carros dos visitantes passaram a estacionar nas escuras ruas laterais. Um deles me interessou muito, um carro vermelho e nele um homem e uma mulher, jovens e elegantes. Caminharam para o edifício sem trocar uma palavra, ele ajeitando a gravata-borboleta e ela, o vestido e o cabelo. (FONSECA, 2010, p. 17).

De forma fria e calculista, o narrador aguarda a ocasião mais favorável para atacar suas vítimas, de modo que estas sejam surpreendidas. O caráter descritivo dos textos, com a ambiência dos contos acentuando o ar sombrio, e as escolhas vocabulares dão mais expressividade às cenas violentas, em que atos cruéis e desumanos se ressaltam, contrastando o mundo burguês “limpinho” e o horror dos ataques. Ainda na cena do casal, “o cobrador” não se comoveu nem mesmo pelo fato de a mulher estar grávida, o que pode causar forte impacto no leitor:

Ela está grávida, ele disse apontando a mulher, vai ser o nosso primeiro filho. Olhei a barriga da mulher esguia e decidi ser misericordioso e disse, puf, em cima de onde achava que era o umbigo dela, desencarnei logo o feto. A mulher caiu emborcada. Encostei o revólver na têmpora dela e fiz ali um buraco de mina. (FONSECA, 2010, p. 18).

Os cenários que o personagem “O Cobrador” ia em busca de suas vítimas eram ambientes da classe média, de pessoas bem-vestidas, de lugares com muita gente. No entanto, para matá-las esperava uma oportunidade em um lugar deserto. Matou pessoas com tiro, degolada com facão, sem nenhum remorso. O narrador descreve a cena cruel de estupro cometido por ele, assassinatos de uma forma fria que podem causar nos leitores indignação, como podemos observar em sua fala e suas possíveis justificativas para tais atos: “Estão me devendo xarope, meia, cinema, filé mignon e buceta, anda logo”. (FONSECA, 2010, p. 19).

Ao longo do conto, o personagem principal ainda conhece outra pessoa com o nome de Ana que concorda com seus pensamentos e atos cruéis e que ainda lhe ensina

a melhor forma de fazer justiça pelo mundo, uma nova forma de matar muitas pessoas ao mesmo tempo: “Ana me ajudou a ver. Sei que se todo fodido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo. Ana me ensinou a usar explosivos e acho que já estou preparado para essa mudança de escala”. (FONSECA, 2010, p. 25).

Na vida, o personagem encontrou alguém que lhe incentiva e ajuda a cometer crimes de forma mais perversa ainda.

O conto “Passeio Noturno (Parte I)”, por sua vez, descreve a história de um homem da alta sociedade, que trabalha o dia todo, e à noite, para relaxar, sai no seu carrão importado, à procura de pessoas na rua para atropelar. Seus atos criminosos lhe emocionam, e quanto mais emocionante forem, melhor é a sensação que ele sente, como pode ser observado no seguinte trecho:

Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em onze segundos. Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de vermelho, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio. (FONSECA, 2007, p. 62).

O personagem sai do conforto do seu lar na Zona Sul do Rio de Janeiro e vai até os subúrbios em seu carro de luxo em busca de praticar seus atos criminosos contra quem cruzar o seu caminho, no cenário ideal planejado por ele. Mata inocentes para aliviar seu estresse, depois de um longo dia de trabalho. Estresse esse “justificado” pelas cobranças que o capitalismo de um mundo avançado cobra como metas a serem alcançadas, resultados. Sem remorso, volta para casa, aliviado depois de ter cometido atos cruéis, metas atingidas.

Já o conto “Passeio noturno (Parte II)” relata outra história do mesmo personagem, só que, dessa vez, ele conhece sua vítima, chamada Ângela. Sai para jantar com ela e, ao voltar para deixá-la em casa, faz seu ataque, num ato cruel e frio: “Apaguei as luzes e acelerei o carro. Tinha que bater e passar por cima. Não podia correr o risco de deixá-la viva. Ela sabia muita coisa a meu respeito, era a única pessoa que tinha visto o meu rosto, entre todas as outras”. (FONSECA, 2007, p. 71).

Para Jaime Ginzburg (2012, p. 451), em narrativas como as de Rubem Fonseca e Dalton Trevisan, nem sempre é possível identificar uma motivação para a violência

praticada pelos personagens. É o que acontece nos contos “Passeio Noturno (Partes I e II), em que observamos que o protagonista não apresenta uma justificativa clara para cometer atos tão cruéis. Do ponto de vista social, o personagem pertence a uma classe social favorável, tem carro, mora em bairro nobre, tem família, bom emprego. A motivação dos assassinatos cometidos se dá por satisfazer seu desejo de se sentir aliviado, para acalmar suas frustrações interiores.

Ao analisar os enredos das obras, percebemos que a violência urbana retratada é reflexo, infelizmente, de acontecimentos que estão presentes no nosso dia a dia. Ao assistirmos a um telejornal, por exemplo, percebemos que casos bárbaros retratados nos textos de Rubem Fonseca são cada vez mais reais. No conto “O Cobrador”, especificamente, o autor parece chamar a nossa atenção para essa realidade, por meio das cenas descritas de forma impactante, em que o fator social vem transformando as ações do ser humano.

De acordo com Costa:

A violência urbana tornou-se hoje um tema de debate nacional. É claro que a violência, seja no campo ou nas cidades, sempre ocorreu, assumindo formas específicas conforme o momento histórico, e atingindo, preferencialmente, as camadas subalternas da população. E, tenha sido praticada diretamente pelo Estado ou por seus agentes, pelos grupos dominantes ou até por bandidos comuns, sempre deixou cicatrizes profundas. (COSTA, 1999, p. 1).

As várias formas de violência existentes e as cicatrizes profundas destacadas por Costa certamente contribuíram para que a violência urbana se tornasse um tema de debate nacional. A literatura de Rubem Fonseca de alguma forma entra nesse debate, mesmo que a partir da ficcionalização da violência.

Ainda de acordo com Costa:

O ódio ao outro, a negação do outro, o prazer em destruir o semelhante, presentes em muitas das violências contemporâneas podem não ser ideológicas apenas em um sentido restrito ao termo. Esses atos desnudam a face sombria presente nessas sociedades em que a solidariedade e a identificação com o outro ser humano estão em constante perigo. (COSTA, 1999, p. 9).

O pano de fundo histórico-social, que faz emergir uma sociedade cada vez mais individualista, a ambiência de ódio, a negação do outro e o prazer em destruir o semelhante vão constituindo a face sombria de um mundo marcado pela competitividade.



Nas narrativas de Rubem Fonseca, há criminosos de todas as classes sociais, de modo que nem sempre é o meio social que influencia suas atitudes. Há, por exemplo, pessoas de boas condições financeiras, que apresentam algum transtorno psicológico e que se destina a fazer maldade contra o outro só pelo prazer de matar.

As possíveis justificativas para o personagem do conto “O Cobrador” cometer tantos crimes cruéis parecem ser decorrentes do fato de ele se sentir injustiçado numa sociedade que o impede de conseguir muitas coisas, como carro, roupa boa, moradia digna, ao ponto de não aceitar as injustiças sociais. Com isso, mata as pessoas que julga ter boas condições financeiras, como forma de cobrar tudo o que lhe foi negado na vida, justificando, assim, uma possível motivação associada à desigualdade social. Como destaca Lima (2010, p. 4):

Em “O cobrador”, Rubem Fonseca descreve os pensamentos e atitudes de um assassino em série que pratica seus atos por sentir que a sociedade lhe deve algo. Sem mesmo ter um nome, sua cobrança se destina a qualquer pessoa que porventura cruze seu caminho. No ódio pelas classes mais abastadas, o cobrador descobre o sentido de sua vida, passando então a matar, seletivamente ou ao acaso, seus devedores.

Segundo Ginzburg (2012, p. 449), “a compreensão da importância da presença da violência em nossa formação social levou Karl Erik Schollhammer a enunciar que no país ‘a violência aparece como constitutiva da cultura nacional, como elemento fundador’.”

### **3. A linguagem violenta como marca estilística**

O contista narra aquilo que no momento se torna mais forte, aquilo que chamou mais atenção. O contista contemporâneo Rubem Fonseca traz em suas obras como tema principal a violência urbana, uma violência retratada de forma tão brutal, que é capaz de causar grande impacto no leitor, ainda mais porque essa brutalidade é cotidiana e, de uma certa maneira, “comum”.

Além da violência brutal, uma das coisas que causa impacto emocional ao leitor é ele reconhecer, nessas obras, o meio em que vive, de modo que, num movimento inverso, a ficção parece ser a própria realidade. Sobre o conto na ficção contemporânea, Bosi afirma que:

O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é o quase documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem. (BOSI, 1974, p. 7).

Com um legado literário amplo que contribuiu para a literatura brasileira, Rubem Fonseca em suas obras, a exemplo do conto *O Cobrador*, pode causar impacto no leitor por utilizar uma linguagem brutal, em que descreve cenas de muita violência e com palavrões. Nesse sentido, Ginzburg destaca que: “a literatura pode estabelecer o questionamento sobre o ato de matar que, sendo no cotidiano político trivializado como plausível, na ficção pode ser elaborado como horrível, espantoso, causando perplexidade, choque e indignação” (GINZBURG, 2010, p. 5).

A temática da violência surgiu na literatura como uma forma de chamar atenção aos comportamentos internos do sujeito, representando as suas angústias e anseios. Conforme Ginzburg (2013, p. 43), “na literatura encontramos manifestações de que o comportamento violento pode construir um prazer, uma satisfação”.

Dentre os principais crimes cometidos nos contos, observamos: homicídio, lesão corporal, violência psicológica, violência física e violência sexual. Percebemos ainda uma linguagem que transmite toda a violência nas ações e pensamentos. Conforme Lima:

Percebe-se também nos textos o uso de uma linguagem coloquial, sem preconceitos ou pudor, mas muitas vezes violenta assim como o modo rápido de narrar, o somatório de palavras separadas por vírgulas e os diálogos misturados aos pensamentos ou descrições do narrador”. (LIMA, 2010, p. 3).

A violência é demonstrada por meio de ações e pensamentos dos narradores-personagens, assim como de suas falas. A linguagem é violenta, com muitos palavrões, descrevendo os próprios atos cruéis de forma fria.

No conto “O Cobrador”, o narrador-personagem apresenta, em várias passagens, expressões que representam uma linguagem violenta, palavrões e palavras negativas. Em relação aos palavrões observados no conto, assim afirmam Santos e Zotelli Filho:

A narrativa de Fonseca é permeada desse recurso, além de imagens escatológicas que colaboram para a constituição do universo representado, reforçando a imagem do marginal, do subúrbio, do crime, da violência. O recurso ao palavrão é explorado, em todo o texto, trinta e oito vezes,

repetindo e variando o léxico acerca de: “cu”, “buceta”, “bunda”, “cocô”, “filho da puta”, “foder”, “gozo”, “merda”, “pau”, “porra”, “punheta” e “puta”. (SANTOS e ZOTELLI FILHO, 2018, p. 197).

Podemos comprovar isso na narração de uma cena de estupro, uma narração com muitos palavrões e brutalidade, o que pode causar um verdadeiro impacto no leitor desavisado:

Deu um gemido quando enfiei o cacete com toda força até o fim. Enquanto enfiava e tirava o pau eu lambia os peitos dela, a orelha, o pescoço, passava o dedo de leve no seu cu, alisava sua bunda. Meu pau começou a ficar lubrificado pelos sucos da sua vagina, agora morna e viscosa. (FONSECA, 2010, p. 19).

Na cena em que “O Cobrador” narra como aconteceu a morte do casal, que foi escolhido pelo fato de estar bem-vestido e em um ambiente da classe média e ter um carro, percebemos na descrição o prazer e satisfação que o protagonista sente em matar a mulher de forma cruel. Percebe-se, em determinados momentos, até uma ironia em sua fala. A utilização da expressão “Só rindo” aparece 7 vezes ao longo do conto, sempre durante ou ao fim de um assassinato:

Não fizeram? Só rindo. Senti o ódio inundando os meus ouvidos, minhas mãos, minha boca, meu corpo todo, um gosto de vinagre e lágrima. Ela está grávida, ele disse apontando a mulher, vai ser o nosso primeiro filho. Olhei a barriga da mulher esguia e decidi ser misericordioso e disse, puf, em cima de onde achava que era o umbigo dela, desencarnei logo o feto. A mulher caiu emborcada. Encostei o revólver na têmpora dela e fiz ali um buraco de mina”. (FONSECA, 2010, p. 17).

Ainda na cena do casal, ao matar o marido, o cobrador narra a morte violenta do homem de forma perversa, em que desperta nele um prazer que ele sente pela maldade praticada:

A cabeça não caiu e ele tentou levantar-se, se debatendo como se fosse uma galinha tonta nas mãos de uma cozinheira incompetente. Dei-lhe outro golpe e mais outro e outro e a cabeça não rolava. Ele tinha desmaiado ou morrido com a porra da cabeça presa no pescoço. Botei o corpo sobre o para-lama do carro. O pescoço ficou numa boa posição. Concentrei-me como um atleta que vai dar um salto mortal. Dessa vez, enquanto o facão fazia seu curto percurso mutilante zunindo fendendo o ar, eu sabia que ia conseguir o que queria. Brock! a cabeça saiu rolando pela areia. (FONSECA, 2010, p. 18).

Observamos várias palavras no diminutivo que, no conto, transmitem um tom de desprezo do personagem narrador, como as palavras: bonitinho, pedrinhas, certinho, branquinho.

Ele está vestidinho, bonitinho, todo sanforizado, abraçado com uma loura reluzente, e joga pedrinhas de gelo num copo e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e são verdadeiros, e eu quero pegar ele com a navalha e cortar os dois lados da bochecha até as orelhas, e aqueles dentes branquinhos vão todos ficar de fora num sorriso de caveira vermelha. (FONSECA, 2010, p. 14).

Observa-se, também, no conto, uma linguagem popular, que representa um determinado grupo social que faz uso de gírias. Nesse sentido, o narrador através das palavras demonstra certo desprezo ou menosprezo. Dentre elas: bacana, muambeiro.

Leio os jornais. A morte do muambeiro da Cruzada nem foi noticiada. O bacana do Mercedes com roupa de tenista morreu no Miguel Couto e os jornais dizem que foi assaltado pelo bandido Boca Larga. Só rindo”. (FONSECA, 2010, p. 16).

No conto “Passeio Noturno (Parte I)”, o personagem demonstra um sentimento de prazer e satisfação ao narrar seu comportamento depois de ter matado uma mulher e ir para casa, sem demonstrar nenhum sentimento de arrependimento: “Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos para-lamas, os para choques sem marcas. Poucas pessoas, no mundo inteiro igualavam a minha habilidade no uso daquelas máquinas” (FONSECA, 2007, p. 62).

Outras características da obra de Rubem Fonseca foram descritas por Vidal (2000, p. 16):

Na obra de Fonseca, a falta de liberdade, a exploração econômica, a competição, a violência, o erotismo, a solidão, a angústia artística, a alienação, o tempo, a incapacidade de realização dos personagens, tudo enfim a que o homem vai de ou que se volta para contra ele, passa pelo corpo.

Conforme Ginzburg, “se de fato a modalidade estética adotada pelo escritor tende a uma escolha interessante em que o leitor assuma a expectativa de que o que ele está lendo é uma realidade, trata-se de uma expectativa de um efeito de verdade, construído retoricamente e linguisticamente”. (GINZBURG, 2013, p. 34).

Nesse sentido, ao analisar os contos de Rubem Fonseca, percebemos que o escritor consegue transmitir esse efeito no leitor: o de transmitir uma realidade.

Observamos também uma linguagem violenta, com expressões ofensivas, grosseiras e obscenas utilizada pelo narrador, principalmente, quando quer demonstrar todo o seu ódio e nas descrições dos crimes bem impactantes.

Ao analisar a linguagem apresentada no conto “Passeio noturno (Parte I)”, percebemos cenas que refletem a violência na maneira de falar do narrador-personagem, quando descreve como matou a mulher que passava sozinha:

Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. (FONSECA, 2007, p.62).

Observamos que a narrativa apresenta um vocabulário em que algumas palavras expressam a descrição dos atos brutais, expressões como “um golpe perfeito”, “dei uma guinada rápida para a esquerda”, “ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões”. Ainda, na passagem, quando o narrador se refere a: “Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos” (FONSECA, 2007, p. 62), observa-se uma linguagem crua e fria, comprovando a total indiferença do criminoso.

No conto “Passeio noturno (Parte II)”, observa-se a linguagem violenta como marca estilística em várias passagens do conto. Na cena em que o narrador descreve a personagem Ângela, ao apresentar uma das hipóteses de ela estar com o papel com o número do telefone: “Que você é uma puta e sai com bolsa cheia de pedaços de papel escrito com o seu nome e telefone” (FONSECA, 2007, p. 69), percebemos que a escolha do vocabulário “puta” representa um impacto emocional violento, uma vez que causou em Ângela um sentimento de que foi humilhada.

Ao narrar como foi a morte de Ângela, as escolhas dos vocábulos acentuam os atos brutais na descrição da cena: “E logo atropeliei com a roda traseira, um golpe de misericórdia, pois ela estava liquidada.” (FONSECA, 2007, p. 71). Nessa narração, através das expressões “golpe de misericórdia” e da palavra “liquidada”, percebemos mais uma vez uma linguagem crua, sem representação de nenhum sentimento de arrependimento.

A presença dessa linguagem agressiva, bruta, violenta é obviamente condizente com a brutalidade dos fatos narrados. Poderia ser até inverossímil se isso não ocorresse. Entretanto, não se pode deixar de considerar que as escolhas vocabulares, com suas ênfases e crueza, singulariza a narrativa fonsequiana.

### 3.1 Algumas semelhanças e diferenças entre os contos

Nos três contos analisados, observamos algumas semelhanças e diferenças referentes à classe social dos personagens, convívio familiar, linguagem e capacidade dos narradores-personagens cometerem atos violentos e cruéis.

O que podemos observar de semelhanças nos contos é que os personagens não têm uma justificativa concreta para cometerem os atos brutais com as outras pessoas, dando a entender que o que está por trás dos atos relaciona-se muito mais a aspectos subjetivos ou genericamente sociais.

Outra semelhança é que, na descrição dos crimes cometidos pelos personagens, não se verifica arrependimento pelos atos cometidos. Observa-se, ainda, que os ambientes escolhidos para a execução dos crimes são, via de regra, desertos e escuros.

Os perfis dos personagens criados por Rubem Fonseca – marcados pela psicopatia, individualismo e certeza de impunidade – podem despertar significativas reflexões, no sentido de serem representações de uma realidade social brasileira. Além disso, a exploração da temática da violência a partir de personagens solitários e individualistas pode ser uma representação do vazio do “eu” em um mundo pós-moderno.

Nos contos “Passeio Noturno” (Partes I e II), o narrador-personagem pertence a classe social alta, mora em um bairro nobre do Rio de Janeiro, com sua esposa e filhos, e tem um bom emprego. Já o personagem do conto “O Cobrador” pertence à classe social de renda baixa, mora na periferia do Rio de Janeiro, não se sabendo se trabalha ou como é seu convívio familiar.

Um dado curioso diz respeito ao nome dos narradores-personagens, ou melhor, à ausência dos nomes dos personagens. Qual a intenção do autor ao trabalhar uma temática da violência sem relacionar um personagem definido, ou seja, com nome? Seria a intenção de fazer o leitor aproximar-se do conto como algo real, mais próximo ao seu cotidiano, sem se prender a uma determinada identificação? Uma hipótese é a ideia de representação, ou seja, o anonimato, ao contrário de uma especificação, pode sugerir um paradigma de criminoso presente nas grandes cidades.

Em “Passeio Noturno (Partes I e II)” e “O Cobrador”, observou-se que a escrita de Rubem Fonseca pode causar uma inquietação ao retratar a violência urbana, buscando aproximar-se da sociedade atual, juntando os pobres e os ricos em um mesmo

cenário de conflitos e contrastes, demonstrando as divisões entre a Zona Norte e a Zona Sul do Rio de Janeiro.

### **Considerações Finais**

Neste trabalho foi analisada a representação da violência nos contos “Passeio Noturno (Partes I e II)” e “O Cobrador”, de Rubem Fonseca, como retrato do que acontece nos grandes centros urbanos. Os cenários escolhidos pelo autor são tanto as periferias do Rio de Janeiro como as áreas nobres da cidade.

Diante do que foi abordado, observamos que a temática da violência brutal nas obras de Rubem Fonseca é uma marca da literatura contemporânea. O autor mostra, por meio de suas narrativas, que a violência está presente em todas as classes sociais. Os atos de violência retratados, por meio de uma linguagem brutal, são capazes de causar impacto no leitor, mesmo sendo essa uma realidade que está presente no dia a dia, sobretudo, da população urbana.

Em “Passeio Noturno (Partes I e II)”, observamos a violência da classe alta, como reflexo de um mundo pós-moderno e violento. O carro do narrador-personagem dos referidos contos é a ferramenta que facilita que o personagem mate suas vítimas e, assim, se sinta aliviado.

No conto “O Cobrador”, o narrador- personagem pertence a uma classe social baixa, e revoltado e destinado a cobrar o que a vida lhe tem negado até o momento, resolve matar pessoas da classe alta.

Outro fator importante a ser destacado na vida do protagonista diz respeito à aproximação dele com a personagem Ana. Rubem Fonseca, por meio de sua obra, nos faz refletir em como a influência de uma pessoa pode piorar ainda mais o comportamento de outra. Ao se conhecerem melhor, nos causa espanto o fato de Ana alimentar e incentivar o personagem, que já está destinado a fazer tanto mal, cometendo crimes de forma mais cruel ainda. Vimos que ela o ensina a usar explosivos para matar pessoas em grande quantidade em um ambiente com aglomeração de pessoas.

O autor explora a temática da violência em vários sentidos, apresentando seus personagens solitários e individualistas, demonstrando o vazio do “eu” em um mundo pós-moderno.

Os personagens surgem como um símbolo para nos chamar a atenção e nos convidar à reflexão sobre a realidade da violência e sua brutalidade.

Portanto, inseridos na literatura contemporânea brasileira, os contos de Rubem Fonseca destacam-se por narrar as situações brutais do homem atual. Nesse sentido, é possível compreender suas narrativas como reflexos do meio em que vivemos.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

COSTA, Márcia Regina da. A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira? **São Paulo em Perspectiva**, 13(4), 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000400002>. Acesso em: 25. junho.2022.

FOLLAIN, Vera Lúcia Figueiredo. **Os crimes do texto**: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FONSECA, Rubem. **O Cobrador**. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

FONSECA, Rubem. Passeio noturno – Partes I e II. In: **Feliz ano novo**. 2. ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINDRI, Ewerton Rezer. O papel da violência na configuração do estético em Rubem Fonseca/Ewerton Rezer Gindri – Tangará da Serra, 2020.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2012.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. Tese de Livre Docência em Literatura Brasileira. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.

HIDALGO, Nathalie de Queiroz. SERAFIM, Antonio de Pádua. **Mudanças** – Psicologia da Saúde.24 (2), Jul.-Dez. 2016.



LIMA, Grasiela Lourenzon de. Representação da violência no conto “o cobrador”, de Rubem Fonseca e no livro O Matador, de Patrícia Melo. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo** – Dossiê, URI - Campus de Frederico Westphalen, novembro de 2010.

MICHETTI, Macksuellen de Oliveira. **A chave do enigma: aspectos da violência na cidade contemporânea no conto “Feliz Ano Novo” de Rubem Fonseca**. Brasília, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB Faculdade de Ciências da Educação e Saúde -FACES, 2013.

OLIVEIRA, Gabriela Nunes de Deus, **A narrativa policial de Rubem Fonseca: o caso Mandrake, a Bíblia e a bengala**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

PELEGRINI, Tânia. **As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea**. São Paulo: UNICAMP, 2005.

PINTO, M. da C. **Literatura brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2004.

PROENÇA, Domício Filho. **Pós-modernismo e a literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto; ZOTELLI FILHO Natanael Luiz. **Violência, palavras & cia. no conto O cobrador, de Rubem Fonseca**. Guará, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 189-200, jul./dez. 2018.

SOUZA, Valmir de. **Violência e resistência na literatura brasileira: os sentidos da violência na literatura**. São Paulo: LCTE, 2007.

VIDAL, Ariovaldo José. **Roteiro para um narrador: uma leitura dos contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.